

Beleza, produção e normalização do corpo em narrativas de crianças

Beauty, production and normalization of the body in children's narratives

 Vanessa Paula da Ponte*

Resumo: O foco do artigo é a produção da imagem corporal de crianças entre seis e doze anos, frequentadoras de salões de beleza em Brasília. Entende-se que as crianças são agentes e intérpretes sutis de seus contextos culturais; serão priorizadas as narrativas de meninas/os, pertencentes a diferentes realidades socioeconômicas, sobre os processos de construção de sua beleza. Trata-se de um trabalho etnográfico, com perspectiva socioantropológica da infância, calcado nos estudos de gênero. Apresentam-se resultados do trabalho de campo, cujo eixo foram as experiências relacionadas ao convívio das crianças com os serviços oferecidos por salões. Discutirei como as categorias corpo e beleza – operadas nesses estabelecimentos – são manejadas pelas crianças, reverberando nos processos de produção de suas autoimagens. O artigo destaca os posicionamentos e as negociações de crianças frente às presenças incisivas, em seus cotidianos, do mercado da beleza e da valorização social de um restrito padrão estético.

Palavras-chave: Normalização do corpo. Crianças. Gênero. Embelezamento. Etnografia.

Abstract: The paper focuses on the production of body image in children, aged six to twelve years old, who attend beauty salons in Brasília. It is assumed that children are subtle agents and interpreters of their cultural contexts; narratives on the construction of the body of girls and boys of different socioeconomic realities will be prioritized. This is an ethnographic work, with a socio-anthropological perspective of childhood, based on gender studies. Field research results, based on experiences of the children in salons, will be presented. The work also discusses how the paradigm of body and beauty, operating in these places – is managed by children, reflecting on the processes of producing their self-images. The paper highlights the positioning of children in relation to the presence of the beauty market and an overestimated aesthetic standard.

Keywords: Body normalization. Children. Gender. Beautification. Ethnography.

* Doutoranda em Ciências Sociais pela Unicamp (Campinas, SP, Brasil), mestre em Sociologia pela UFC (Fortaleza, CE, Brasil) <nessaponte@gmail.com>.

O corpo é a vida de alguém, porque alguém sem corpo faz o quê?
Luiza, 8 anos

Espelho é onde olho a minha beleza.
Mary, 9 anos

Adulto é a pessoa que em toda coisa que fala vem primeiro ela.
André, 8 anos¹

Neste artigo, reflito sobre a produção da imagem corporal de crianças, entre seis e doze anos, moradoras em Brasília, frequentadoras de salões de beleza. Considero-as agentes e intérpretes sutis de seus contextos culturais e priorizo as narrativas de meninas/os, pertencentes a distintas realidades socioeconômicas, acerca dos modos como vivenciam e significam a sua beleza corporal.² Analiso resultados do trabalho de campo, cujo eixo foram as experiências relacionadas ao convívio das crianças com os serviços oferecidos por salões de beleza. Discuto como as categorias corpo e beleza – operadas cotidianamente nesses estabelecimentos – são manejadas pelas crianças, reverberando nos processos de produção³ de suas autoimagens e percepções corporais.

O campo de discussões que almejo apresentar é fruto de um trabalho etnográfico, em perspectiva socioantropológica da infância, assentado nos estudos de gênero em uma abordagem interseccional (Brah, 2006) com outros marcadores sociais de diferença, como classe e raça.⁴ Reflito a partir de observação participante feita em salões de beleza em Brasília, estabelecendo uma relação dialógica com as crianças e buscando compreender – em detalhes – os modos como significam a frequência a esses estabelecimentos em relação aos processos de produção de suas aparências. Nos trânsitos da etnografia, visitei 20 salões, que atendem crianças, situados nos mais diferentes pontos da cidade. Aqui, coloco em pauta cenas e análises pertinentes a três deles localizados na Asa Norte; na Asa Sul e na Ceilândia.⁵

¹ Excertos do livro *Casa das Estrelas*, o universo contado pela criança (Naranjo, 2013).

² A beleza aqui é compreendida como construção cultural. Afirma Vígarello (2006), ela é ação e comportamento ligados à dimensão social.

³ A palavra produção é entendida como um processo dinâmico, constituído na interação entre os aprendizados advindos dos contextos sociais e nas agências dos sujeitos mediante tais aprendizados. A produção não consiste numa mera reprodução de códigos culturais.

⁴ Gênero e raça são termos utilizados sem conotações essencialistas. Brah (2006), Butler (2001) e Fanon (2008) têm sido inspiradores para pensá-los de forma socialmente situados.

⁵ Pesquisa de doutorado em andamento, no curso de Ciências Sociais da Unicamp, possui anuência do Comitê de ética desta Universidade (protocolo CAAE 78492117.7.0000.5404).

Fundamento-me, metodologicamente, nas reflexões de Sarmiento (2003) e Cohn (2005), que ressaltam a importância da realização de pesquisas socioantropológicas que primem pelo protagonismo do ponto de vista das crianças, valorizando estudos feitos *com elas* e não simplesmente *sobre elas*. Inspirada em Pires (2007) e Toren (2010), busco abrir mão de uma postura adultocêntrica e considero que as crianças conseguem expressar-se sobre o que lhes concerne. Os posicionamentos apresentados por elas, em interação com os adultos, são capazes de alargar o entendimento da vida social em suas amplas dimensões.

Nesse movimento, ouço atentamente o que meninas/as têm a dizer sobre seus corpos, beleza e gênero. Inspirada nas metodologias de autores como Alderson (2005) e Sousa (2017), conduzo a etnografia com a consciência de que a pesquisa com crianças requer aproximação e conquista de confiança mútua, tecidas a partir de incontáveis trocas. Elas não são idílicas ou romantizadas, pois a construção da alteridade nas pesquisas com crianças, assim como com adultos, envolve afetos, negociações, desafios e limites que são trabalhados na jornada de estudo.⁶

Com essa consciência, procuro desenvolver formas colaborativas de construção do conhecimento. Nas visitas sistemáticas aos salões, busco interagir de forma descontraída com elas. Participo de suas brincadeiras; aprecio seus desenhos; escuto o que dizem sobre os filmes que assistem durante o atendimento. Além disso, busco garantir-lhes o direito de decidir participar ou não da pesquisa e procuro deixá-las à vontade para que esclareçam dúvidas sobre as etapas do estudo e manifestem suas opiniões sobre a minha postura como pesquisadora. Da mesma forma, indago se autorizam ou não o uso de seus depoimentos e fotografias. Com essas posturas, “o meu desejo não é tornar-me nativa; mas, sim, ser assimilada pelas crianças como uma adulta diferente. Uma adulta que interage com elas, seja brincando, seja conversando, seja discutindo” (Pires, 2007, p. 4). Ressalto que priorizo, em todos os momentos, a preocupação ética – fundamental em pesquisas com atores infantis (Kramer, 2002).

Cabe destacar que este trabalho está em sintonia com uma agenda teórica e metodológica de estudos com crianças, produzidos de forma interdisciplinar, desde o final dos anos 80; insere-se ainda na esteira do avanço dos estudos feministas, que reconhecem meninas/os como sujeitos históricos ativos na

⁶ Alio-me a Pinto e Sarmiento (1997, p. 8) quando afirmam que não há ciência sem assimetrias. O que se tenciona é uma atitude de confronto do investigador consigo para descentrar o seu olhar para melhor percepção das crianças.

construção da realidade social, como seres criadores de conhecimentos. Tal agenda contraria um longo período das ciências sociais brasileiras, no qual as pesquisas, conforme apontam Pires e Saraiva (2016), “silenciaram ou simplesmente ignoraram as vozes das crianças. Mesmo quando elas apareciam, era em geral, como ‘adereço’ no universo do adulto”:

Até bem pouco tempo, a Psicologia e a Educação eram as principais áreas encarregadas em compreender as dinâmicas do universo das crianças, vistas muitas vezes na condição de ‘tábula rasa’; seres humanos em desenvolvimento; reprodutores de padrões culturais (Pires; Saraiva, 2016, p. 165).

Nesta pesquisa, rompo com as ideias universalizantes que giram em torno da noção de criança, que entendo “simultaneamente como categoria social, do tipo geracional, e um grupo social de sujeitos ativos que interpretam, e agem no mundo” (Sarmiento, 2007, p. 37).

Feito esse diálogo inicial, organizei o texto em dois tópicos. Primeiro, apresento uma breve reflexão sobre a presença dos salões e dos produtos estéticos no cotidiano das crianças. A seguir, exponho cenas que observei nos salões, partilhando uma interpretação sobre elas.

Fazendo a cabeça: salões, produtos e serviços de embelezamento no cotidiano das crianças

Atualmente, o Brasil destaca-se como o segundo mercado mundial em cosméticos e serviços estéticos voltados ao público infantil, abaixo dos Estados Unidos e acima da China, terceiro lugar no *ranking*.⁷ A presença de salões de beleza nas diferentes regiões do país tem crescido bastante. Há uma variedade de estabelecimentos dedicados a públicos de distintas realidades sociais, idades e poder aquisitivo. Conforme pesquisa do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), entre 2010 e 2015, o número de registros no setor aumentou 567% no país.

Em Brasília, os salões marcam uma presença significativa no cotidiano da cidade, no plano piloto ou nas regiões administrativas; perpassam o abismo socioeconômico da capital, que ostenta a maior renda per capita do país, mas possui 52 mil brasilienses em situação de extrema pobreza.⁸

⁷ Dados publicados pela Associação Brasileira de Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos (Abiphec, 2015).

⁸ Conforme o Instituto de Planejamento Econômico Aplicado (Ipea), a desigualdade do DF está acima da média do restante do país. A análise teve como base dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 1988, 1998 e de 2008.

Na cidade, visitei estabelecimentos focados no público infantil, que parecem parques de diversões, repletos de brinquedos e recursos audiovisuais. São ambientes climatizados, montados por arquitetos, com equipamentos sofisticados e significativo estoque de cosméticos, entre eles, os importados. Possuem ainda equipes numerosas especializadas em serviços estéticos. Frequentei também salões situados em regiões com dificuldades na infraestrutura, em ruas sequer asfaltadas. Estabelecimentos bem mais modestos, quanto às instalações físicas, quantidade de estoque, número de trabalhadores e cartela de preços. Embora as diferenças saltem aos olhos, os serviços oferecidos para crianças possuem relativa semelhança: cortes de cabelo, alisamento, penteados, unhas decoradas, vendas de adornos e cosméticos. Visitei outros que atendem a um público mais variado, que inclui adultos e crianças. Nesses salões, elas interagem com ambientações, produtos, propagandas e revistas pensadas para adultos. Estudar esse leque de estabelecimentos traz uma grande riqueza etnográfica, pois dá acesso a diferentes formas de sociabilidade.

A pesquisa de campo evidenciou que, no cotidiano de muitos salões, há uma nítida imposição de um determinado padrão estético, que valoriza um corpo magro e cabelos lisos. Há também uma diferença dicotômica de gênero no modo de perceber a beleza corporal. Os gestos que embelezam as meninas são muito diferentes daqueles direcionados aos meninos. Isso pode ser observado na própria identidade visual da maioria dos locais, de forma especial, nos discursos mobilizados pelos funcionários e frequentadores. As imagens que permeiam a decoração geralmente são de crianças brancas, magras, de cabelos lisos. As cadeiras de cabeleireiro dedicadas às meninas são em geral tronos de princesas, enquanto as cadeiras dos meninos são em formato de carro. Quando o menino é chamado para o corte, diz-se: “Vamos ficar bonito pras namoradinhas?”, assim mesmo, no plural. As meninas ouvem frases como: “Vamos, princesa?”. Expressões como “corte de homenzinho”, “corte militar”, “cabelo bom”, “cabelo ruim” são recorrentes.

É comum estabelecimentos – de pequeno ou grande porte – divulgarem nas redes sociais fotos com crianças no momento da realização dos serviços. Nas fotos das meninas, as legendas usuais são: “Lindo penteado para deixar a princesa toda estilosa!”. Nas fotos dos meninos, lê-se: “Dia de ajeitar a jubinha” (referência a juba de um leão), “Porque todo menino é um super-herói!” (na foto, aparece o corte do cabelo de um garoto, com um raio desenhado à máquina, alusão ao personagem *Flash*).

No interior dos salões, é intenso o estímulo ao consumo. Vendem-se produtos de embelezamento e adornos; há campanhas promocionais, como “a

unha da mãe sai mais barata se a filha também fizer”. Realiza-se promoção especial no final das férias escolares: “Voltar às aulas com estilo”. Em alguns estabelecimentos, promovem-se festas de aniversário, chamadas “o dia da princesa”. Nelas, a aniversariante celebra mais um ano de vida ao lado das amigas em meio aos serviços do salão. As meninas pintam as unhas, fazem maquiagem, penteados. Toda decoração da festa alude ao universo da beleza.

Diante de tais cenas, trago questões norteadoras para reflexão: de que forma as crianças manejam os modos como as categorias corpo e beleza são operacionalizadas nesses estabelecimentos? Como agem diante dos direcionamentos dos gestos que visam embelezar: Dialogam? Subvertem? Como isso reverbera em seus corpos? O que isso revela sobre os contextos em que estão inseridas?

Durante a pesquisa, presenciei cenas que mostraram crianças reiterando parâmetros de beleza e critérios normativos de distinção de gênero, como uma menina, cinco anos, que se recusava a receber os doces oferecidos no salão, dizendo-se gorda; outra, com sete anos, perguntou se havia alguma cirurgia para retirada de suas sardas; uma garotinha, de apenas três anos, mostrava-se entusiasmada por ter abandonado a chupeta em troca de seu primeiro batom; outra garota, oito anos, só saía de casa se estivesse maquiada e demonstrava insatisfação com seus cabelos crespos; observei ainda um menino que voltava constantemente ao salão para atualizar o cabelo, conforme o corte de seu jogador preferido.

Nestas cenas, observam-se idealizações de determinados padrões estéticos, anunciados em salões. Tais ambientes, muitas vezes, revelam-se espaços coercitivos, por incentivarem normatizações de corpo, beleza e gênero. Estimulam, por vezes, a normalização do olhar em torno do entendimento de beleza atrelado a um restrito padrão estético – entre suas exigências: silhueta magra, cabelos lisos – e coadunam com uma forma binária de entender o gênero, visível nas expressões: corte de menina, corte de menino.

Todavia, registrei cenas de crianças negociando, deslocando e negando os padrões de beleza e as noções rígidas de diferenciação de gênero, como uma menina de dez anos que recusou depilar as pernas, mesmo diante dos apelos da mãe. Outra, com oito anos, não quis depilar as sobrancelhas, mesmo com a insistência da tia. Presenciei meninas que queriam manter seus cabelos curtos e meninos que desejavam manter suas madeixas grandes. Um garoto, seis anos, desejava cortar o cabelo na cadeira de princesa. Tais cenas mostram que as negociações entre responsáveis e crianças são complexas e diferenciadas: às vezes, permeadas por conselhos e risos; outras, choros e constrangimento. Evidenciam ainda que o corpo que se tenta educar ou disciplinar nunca é uma

massa inerte, “desinformada”, ou, *a priori*, passiva (Sant’Anna, 2000). Assim, não posso afirmar, com efeito, que todas as crianças reagem de forma acrítica diante dos discursos e estímulos presentes no salão, nem que existe, entre elas, uma interpretação homogênea acerca desses apelos. Louro (2014) afirma que os atores infantis não são receptores passivos de processos pedagógicos externos; mas agentes que participam ativamente desse empreendimento. Nessa linha, destaco o diálogo que tive com Alice (12 anos):

Vanessa: *Percebi que a Silvia [cabeleireira] e a sua mãe sugeriram deixar seu cabelo grande. O que você achou?*

Alice: *Ah, cabelo grande dá muito calor e atrapalha na hora do jogo.*

Vanessa: *O que você joga?*

Alice: *Futebol feminino, mas meus pais não gostam muito.*

A resposta de Alice, por um lado, pode indicar um deslocamento dos cabelos de uma dimensão estética, para uma dimensão puramente prática, vinculada ao jogo de futebol. Por outro lado, a menina pode ter usado a dimensão prática como estratégia para escamotear, das vigilâncias parentais e sociais, suas opções estéticas pelo cabelo curto, presumidamente masculino.

A pesquisa mostra que, no interior dos salões, a imagem corporal torna-se elemento preponderante na definição de quem deve ou não ser admirado. A beleza é vista como uma forma de alcançar a aceitação social, o que é respaldado por diversas instâncias sociais: indústrias de cosméticos, medicina estética, mídia e outras que incitam o empreendimento de um trabalho sistemático na aparência física. Destaco que essa valorização da beleza gera, através de suas nuances, acentuada distinção de classe, gênero e raça; evidencia mecanismos de reprodução de desigualdades. O trabalho de Gomes (2002) é elucidativo nesse sentido, pois aponta que o preconceito capilar recai fortemente sobre as pessoas negras. O estudo de Edmonds (2002) aponta que “se o consumo de produtos e serviços de beleza torna-se essencial para manter uma aparência considerada ‘normal’, aqueles que não podem consumi-los suficientemente se tornam cada vez mais marginais” (p. 255). Novaes e Vilhena (2003), ao se debruçarem na temática do culto ao corpo, apontam como a “tirania da beleza” recai com maior intensidade no cotidiano de meninas e mulheres.

Ressalto, nesse sentido, um estudo feito pelo instituto de pesquisa *Multifocus*, que analisou os hábitos de beleza de 1.800 brasileiras, de seis a dezessete anos. Os resultados mostram que 48% das meninas realizam tratamento capilar e 80% usam maquiagem e fazem as unhas. Entre as garotas

com menos de onze anos, 95% usam batom. Essa preocupação com a aparência física acarreta exorbitantes lucros para a indústria de embelezamento. As linhas de produtos de beleza exclusivos para crianças cresceram mais de 40% em cinco anos (Abiphec, 2017).

Por trás dessa porcentagem, há uma série de casos de danos à saúde. O uso incorreto de certos cosméticos, por exemplo, desencadeia reação alérgica. O salto alto é prejudicial à coluna. Os alisamentos podem provocar irritações no couro cabeludo. Há ainda a doença alimentar, que tem vitimado um crescente número de crianças (Fernandes, 2007). Essa reflexão leva a questionar uma ideia usual de que: “um corpo bonito é necessariamente um corpo saudável”. A centralidade que a aparência física assume nas vidas dos indivíduos pode, em alguns casos, prejudicar o bem-estar físico, emocional e social, sobretudo quando se acredita não estar de acordo com o padrão estético vigente.

Ciente do uso intensivo de cosméticos pelas crianças, na faixa etária entre zero a doze anos, a Anvisa⁹ determinou normas para a adequação do comércio desses tipos de produtos. Entre elas, o esmalte pode ser usado por crianças a partir de cinco anos; o batom, por crianças a partir de três anos com a ajuda de um adulto e, depois dos cinco anos, ela pode utilizar o produto sozinha. Essas normas são indícios da presença cotidiana de cosméticos e práticas de embelezamento na vida das crianças. Nos salões, a presença de cosméticos possui uma centralidade bastante visível nos serviços oferecidos e, sobretudo, vendidos em muitos estabelecimentos e divulgados nas redes sociais.

Friso, nesse sentido, que a intenção não é culpabilizar familiares e espaços de embelezamento pelo uso excessivo de cosméticos por crianças ou pelas relações que elas estabelecem com seus corpos. Reflito acerca dos sentidos do contexto social que impõe exigências em torno da beleza que podem gerar discriminação de corporalidades infantis e prejuízos à saúde física e emocional. Para essa reflexão, é preciso ir além dos dados estatísticos citados. É necessário ouvir as crianças, participar de seus cotidianos quando visitam os salões, buscar compreender os múltiplos olhares e agências diante do processo de embelezamento que ocorre ali.

Para realizar esse exercício, inspiro-me nas reflexões de Brah (2006) ao movimentar a análise interseccional, que ilumina o entendimento que as experiências das crianças articulam relações sociais, subjetividades e localizações particulares em seus contextos culturais – elementos intimamente ligados. Nessa perspectiva, as experiências das crianças em relação à produção

⁹ Resolução da Anvisa RDC nº 15, 24 de abril de 2015. <pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=47&data=27/04/2015> (2 maio 2017).

de suas autoimagens não devem ser vistas como homogêneas, estanques e pré-determinadas, elas são dinâmicas, processuais e devem ser analisadas atentando aos posicionamentos específicos de cada criança em seu contexto, considerando as relações que se estabelecem com os marcadores sociais da diferença: gênero, classe, raça, idade, os quais estão numa articulação dinâmica, que não é uma mera adição.

A potência da análise interseccional, assim, permite perceber como as experiências das crianças são investidas de significados específicos. Não basta apontar que, nos salões, seus corpos são produzidos em função de certos critérios estéticos, em que a beleza é representada como um dever, é preciso considerar que esse dever dá-se de forma particular, considerando os fatores como classe, raça, gênero, idade. Nesse movimento, não fico só atenta ao modo como os salões e seus efeitos pedagógicos podem reverberar nas crianças; busco compreender o que elas apresentam aos salões, numa permanente relação. Seguindo essa linha de argumentação, compartilho, no tópico seguinte, três cenas que presenciei nos salões.

Entre cores, espelhos e cortes: cenas de crianças nos salões

As cenas que observei, em sua completude, guardam sutilezas que exigiriam uma descrição longa, ultrapassando o escopo deste texto. Para contá-las, precisaria recompor cada momento da observação participante. Seria necessário narrar interações iniciadas antes das primeiras trocas de palavras e apresentações formais. Afinal, não adianta chegar às crianças com ligeireza, é preciso ser escolhida por elas para que o diálogo aconteça. Para isso, empenho-me através de um simples olhar, um sorriso, um arquear de sobrancelhas, faço movimentos lúdicos, gestos sutis. Se a criança abre-se para interagir, procuro aproximar-me. Se ela tem um relógio desenhado à caneta em seu pulso, pergunto as horas; se tem uma personagem de desenho estampado na roupa, converso sobre ela. São chaves delicadas de entrada para o diálogo, que respeitam tempos, silêncios, negativas. Os trechos a seguir foram construídos nessa atmosfera. Após apresentá-los, ofereço uma interpretação possível sobre eles, elucidando as questões deste trabalho.

CENA 1: O local é um salão de médio porte localizado na Asa Norte, no Plano Piloto, região com imóveis de alto valor de mercado. A menina é Larissa, cinco anos, cabelos loiros e longos, olhos verdes, vestido lilás. É cliente assídua, adentra o salão com desenvoltura, é cercada de elogios à sua beleza e vestimenta. Depois de ter o cabelo lavado, acomoda-se confortavelmente à cadeira para iniciar o corte. Toca

as madeixas e adverte: *Tia, corta só as pontinhas!* A profissional ri. Antes mesmo de a cabeleireira iniciar o trabalho, a menina pergunta à mãe: *Posso fazer as unhas, mamãe?* A mãe responde, sorrindo: *Larissa, Larissa.* A manicura, de pronto, emenda: *Opa! Hoje, é dia de promoção mãe e filha! Tá, Larissa!*, fala a mãe. *Que cor você quer?*, pergunta a manicura. *Laranja*, diz a menina. *Vai ficar show!* responde a profissional. Assim, Larissa, ao mesmo tempo, tem uma profissional cortando os cabelos e outra fazendo as unhas. Ao terminar, ela recebe mais elogios e um pirulito. Sopra os dedinhos para secar o esmalte. Enquanto sua mãe faz as unhas, ela caminha no salão em direção a uma parede repleta de adornos e laços. Eu – que já observava a menina em seu processo de embelezamento – aproximo-me, abaixo meu corpo para ficar com o rosto na altura do dela e indago: *Por que você quis pintar as unhas, Larissa?* Como se a resposta fosse óbvia, a menina diz: *Para ficar bonita, ora!* Na saída, a cabeleireira fala-me: *Essa aí é cliente desde o primeiro corte. Puxou a vaidade da mãe, filha de peixe...*

CENA 2: A segunda cena desenrolou-se em um salão de pequeno porte na Ceilândia, no setor habitacional Sol Nascente, região carente de infraestrutura e saneamento básico. A garota é Marina, dez anos, cabelos e olhos castanhos escuros. Chega com vestido e meias coloridas que cobrem toda extensão das pernas. Entra no salão com uma expressão irritada. A mãe informa à cabeleireira que, depois de cortar os cabelos, a menina fará a primeira depilação. Marina retruca: *Mãe, eu já disse que não vou fazer!* A mãe, em um tom elevado, que todos ouviram, responde: *Que coisa feia, uma moça peluda. Onde já se viu? Não existe isso, Marina!* A menina fala: *Dói, mãe!* A mãe insiste: *Ela deve depilar, pois os seus pelos são grossos como os meus. Se não tirar cedo vão ficar encravados.* A mãe argumenta ainda que a depiladora será delicada e não doerá. *Marina, eu sou boazinha. Você vai ficar com a perna linda!*, diz a depiladora. *Eu não quero!*, enfatiza Marina. *Por quê?* pergunta a depiladora. *Porque a perna é minha!* Marina, nesse dia, conseguiu não fazer a depilação.

CENA 3: A terceira cena ocorreu em um salão de grande porte situado na Asa Sul, bairro habitado por muitos moradores com alto poder aquisitivo. O protagonista é João, negro, cabelos crespos, cerca de sete anos,

vestido com uma camiseta com o símbolo do Batman. Entra correndo e bem agitado no salão; fica sentado na cadeira da recepção, enquanto os pais conversam com o cabeleireiro. Observo João e vejo que, do lado direito de sua cabeleira, há uma parte raspada. Soube que o menino pegou escondido o barbeador do tio e tentou cortar o cabelo. Alegou que os colegas na escola estavam zoando dele. Perguntei aos pais o que lhe haviam dito: falaram que ele não deveria mentir e nem pegar nada escondido. E sobre o comentário dos meninos em relação ao cabelo do garoto, o pai disse que não havia falado nada ainda. O cabelo de João foi cortado bem curto, quase raspado. Perguntei ao menino porque cortara os cabelos e ele respondeu: Pra ficar igual. Igual? Indaguei novamente. Sim! Igual lá na minha escola. João morava no Maranhão e só recentemente passou a morar em Brasília e a estudar numa escola da Asa Sul.

Ao analisar as cenas, percebo como Larissa e Marina, no fluir de seus cotidianos e nas vivências nos salões, são estimuladas a acreditar que uma menina, para ser valorizada, deve ser bonita e vaidosa. Assim, elas convivem com exemplos e ensinamentos que lhes orientam a cuidar de suas aparências físicas como uma prioridade, pois isso é fator fundamental para conseguir a aceitação social. Sobre isso, destaco: a mãe de Larissa faz as unhas juntamente com a menina, a garota recebe elogios em virtude de sua beleza; a depiladora e a mãe de Marina, buscam convencê-la de que o sacrifício da depilação vale a pena pela beleza. Nessa ótica, as meninas terão uma recompensa social, serão aceitas, terão suas “feminilidades legitimadas socialmente”. No caso de Marina, a depilação surge como um procedimento que lhe possibilitará expor suas pernas ocultas pelas meias, evitando o constrangimento de ser alvo de comentários na escola devido aos pelos. Desde a infância, as protagonistas da pesquisa são ensinadas, de forma prazerosa ou não, a dar atenção a cada parte do corpo de maneira especial. Aprendem que os corpos das mulheres geralmente são percebidos e classificados no cotidiano em função de certos critérios estéticos (Malysse, s. d.). Aprendem que, para as mulheres, a beleza é representada como um dever (Novaes; Vilhena, 2003, p. 24).

Por mais que Larissa e Marina reajam de maneiras diversas nos salões – a primeira, com aceitação, solicita por conta própria consumir outros serviços, e a segunda, com resistência, não aceita depilar as pernas –, há uma similaridade entre suas vivências. Por mais que os ensinamentos da beleza sejam orientados aos seus corpos, pela via dos processos educativos em casa e nos salões, eles são passados e interpretados como se fossem próprios à natureza da mulher,

como se estas fossem predestinadas a cumprir certos rituais de embelezamento e higiene.

Essas ideias nos processos educativos naturalizam papéis e funções dos indivíduos; procuram homogeneizar os comportamentos, os modos de pensar e sentir as corporalidades. Como já foi mencionado, é comum, durante os cortes de cabelo dos meninos, ouvir exclamações do tipo: *Vamos ficar bonito pras namoradinhas?* Esta pergunta naturaliza, claramente, a possibilidade do homem ter várias namoradas. Enfim, tais ideias têm um caráter universalizante a respeito de homens e mulheres. Desconsideram, inclusive, as dificuldades que muitos sujeitos sentem ao ter que enquadrar seus corpos em determinado padrão de ser e viver.

Louro (2016) reflete sobre o modo como a escola pratica a pedagogia da sexualidade e o disciplinamento dos corpos: “existem [...] algumas referências e critérios para discernir o quanto cada menino ou menina, estava se aproximando ou se afastando da norma” (Louro, 2016, p. 18). Pondera ainda que não se trata de atribuir à escola nem o poder ou a responsabilidade de explicar as identidades sociais, muito menos determiná-las de forma definitiva, afirma que “é preciso reconhecer, contudo, que suas proposições, suas imposições e proibições fazem sentido, têm efeitos de verdade, constituem parte significativa das histórias pessoais” (Louro, 2016, p. 21). Reconheço – nos salões de beleza – esse mesmo caráter pedagógico. Nesses espaços, são recorrentes ideias convencionais sobre o corpo, o gênero e a beleza e tais estímulos tentam pautar os cortes de cabelo e as vivências. Pode-se afirmar, portanto que estes espaços pesquisados mostram-se marcadamente heteronormativos.¹⁰

Aqui, devo retomar a reação de Marina. Por mais que a menina seja impelida a fazer a depilação e esteja sendo constrangida na escola em virtude dos pelos nas pernas, ela reagiu a tudo isso. Tentou transgredir. Sentenciou: *A perna é minha!* Marina reivindica esse direito. Informa que depilar não é o único caminho a ser seguido. Aqui, novamente desnaturalizo a ideia que as crianças estão meramente sujeitas a um processo de socialização e recebem-no de forma mecânica.

Segundo Butler (2001), o gênero é performativo, um modo de subjetivação dos sujeitos, é sempre uma dinâmica, uma ação e nunca uma verdade totalizante. Nesta perspectiva, por ser performático, o gênero vivencia um constante movimento de construção, criatividade, transitoriedade, estando sempre em referência a contextos específicos de significação. Sobre

¹⁰Sobre o debate transgênero ligado a infância ver Souza (2006).

a performatividade, ela enfatiza que deve ser entendida “não como um ato singular ou deliberado, mas, ao invés disso, como a prática reiterativa e referencial, mediante a qual o discurso produz os efeitos que nomeia” (Butler, 2002, p. 18). Assim, a performance é plural, passível de transformações e pode subverter a ordem vigente.

Nessa trilha de pensamento, percebo que as performances das crianças ora reiteram os critérios e as referências sobre corpo, beleza e gênero anunciadas nos salões, ora deslocam, negam e subvertem tais critérios. Observo também que é recorrente o uso de estratégias e orientações por parte de funcionários e pais/responsáveis, que reforçam um esquema marcadamente binário, anunciado no padrão de beleza vigente – o que ocorre por meio de carinho, piadas, palavras de incentivo, frases pedagógicas ou mais enérgicas: *Isso é tão feio para uma menina! Brincar assim é coisa de menina!*

Na esteira dessa reflexão, remeto ao trabalho de Cohn (2005), que faz uma discussão sobre o modo como os Xikrin concebem a infância, rompendo com a ideia corrente de que a experiência da criança é uma mera imitação do mundo adulto. A autora mostra como tal experiência é qualitativamente diversa e particular, como é marcante para a inserção em seu contexto social.

É a partir das experiências das crianças que estas podem mapear os contextos e as relações sociais que constituem a sociedade em que vivem [...] o que as crianças estão fazendo não é uma mera imitação do mundo adulto, mas uma constituição ativa de relações sociais que as acompanharão por toda a vida (Cohn, 2005, p. 211).

Em consonância com Cohn, é possível perceber os gestos de embelezamento executados pelas crianças com quem interagi para muito além da mera imitação. Nos salões, elas convivem com práticas e valores anunciados em torno de suas belezas físicas e formas de ser. Elas manejam e negociam, reiterando ou desestabilizando, esses aprendizados, ou seja, convivem com eles em suas trajetórias. Pela análise das cenas, percebi que, para muitas delas, as experiências vividas nos salões não se encerram no momento em que atravessam as portas desses locais. Em muitos casos, elas continuam ressoando no modo como percebem suas próprias imagens corporais e de seus pares.

Retomo a cena de João, que investiu contra sua imagem para oferecer uma resposta concreta às exigências do olhar de seus pares. Buscou um cabelo que lhe proporcionasse uma ampla socialização: *Pra fica igual*, diz o menino. Aqui, torna-se relevante o pensamento de Bouzon, para quem, socialmente, “o cabelo classifica e hierarquiza, qualifica e desqualifica, exclui e inclui, aproxima e

distancia” (Bouzon, 2010, p. 278-279). Nesta pesquisa ficou evidente o quanto o cabelo liso é um dos elementos relevantes do padrão de beleza exigido socialmente. Malysse (s.d., p. 21.), ao realizar um estudo antropológico sobre o preconceito capilar e os usos sociais do megahair em Salvador revela que “no Brasil, como em muitas outras culturas, o loiro e o liso dominam a escada estético-social da beleza capilar”. Mesmo em muitos salões étnicos, conforme Arango (2016), não se fala abertamente em raça mas os serviços oferecidos prometem *tratar, domar* ou *resolver* o “problema” das pessoas de cabelo crespo.

Os pais de João chamaram sua atenção *por mentir e roubar o barbeador*, mas ainda não haviam tratado sobre o cabelo que fora alvo de chacotas na escola. João teve os cabelos praticamente raspados. Ao contrário de Larissa, não ouvi nenhum elogio às suas madeixas antes do corte. Só depois, quando os cabelos já haviam sido cortados. Aludo às ideias de Finco e Oliveira (2011, p. 63), para quem “ultrapassar as desigualdades de gênero e de raça pressupõe compreender o caráter que hierarquiza e naturaliza as diferenças reduzindo-as às características físicas, tidas como naturais, e conseqüentemente, imutáveis”.

A intenção desta pesquisa não é atribuir aos familiares e às equipes dos salões de beleza responsabilidades pela maneira como as crianças relacionam-se com seus corpos, mas refletir sobre como o contexto social impõe ou orienta todos eles (crianças, familiares e funcionários) à adoção de um determinado padrão estético. Procuro pensar sobre as exigências desse padrão, os interesses que a ele estão relacionados e busco questioná-lo, já que é limitado física e subjetivamente diante da diversidade dos indivíduos.

Outro ponto que a observação das três cenas elucidada é a compreensão dos salões como locais de reprodução ou negociação da beleza, mas também como espaços de sociabilidade. São ambientes lúdicos, em que as crianças criam laços com os profissionais e com outras crianças ali presentes.

Quanto aos salões como locais de sociabilidade, são inspiradores os estudos de hooks¹¹ acerca do cabelo. Ao partilhar suas lembranças da época de menina, quando a mãe arrumava os seus cabelos e de suas irmãs, a autora conduz para o aconchego de sua casa, quando juntas passavam o pente quente umas nas outras, alisando os seus cabelos e deslinda uma trama transbordante de sentidos presentes naquele momento. Ali se desenhava um ritual pleno de

¹¹ bell hooks é o pseudônimo de Gloria Jean Watkins, escritora, feminista e ativista social norte-americana. A autora utiliza um pseudônimo em letras minúsculas para o leitor focar em sua mensagem ao invés de nela mesma. Neste texto manteremos a grafia adotada pela autora.

afetos e intimidade: “Para cada uma de nós, passar o pente quente é um ritual importante. Não é um símbolo de nosso anseio em tornar-nos brancas. Não existem brancos no nosso mundo íntimo” (hooks, 2005, p. 1). Para as meninas de trança, vivenciar o alisamento simbolizava a passagem para um novo status, era “um símbolo de nosso desejo de sermos mulheres” (hooks, 2005, p. 1). Além de tratar de sua trajetória, hooks menciona os sentidos de arrumar os cabelos nas vidas de outras mulheres.

Fazer chapinha era um ritual da cultura das mulheres negras, um ritual de intimidade. Era um momento exclusivo no qual as mulheres [...] podiam se encontrar em casa ou no salão para conversar umas com as outras, ou simplesmente para escutar a conversa. Era um mundo tão importante quanto a barbearia dos homens, cheia de mistério e segredo (hooks, 2005, p. 1).

Baseada nas ideias da autora percebo como João, Marina, Larissa e outras crianças tomam os salões como ambientes de produção e negociação de suas belezas e como locais onde constroem laços. A pesquisa aponta que, para a constituição desses laços, o “corpo belo” é eleito como um indicador do qual depende a aceitação social. Assim sendo, é urgente pensar a beleza de forma mais ampla, nos mais diversos espaços de sociabilidade das crianças, para que estas não se sintam impelidas a conformar suas existências em um único padrão estético. Nos salões, abundam narrativas de crianças expressando inseguranças, tensões e desconfortos em relação a sua estatura, tipo de cabelo, forma física. Num movimento de alteridade, é preciso refletir, conforme Arroyo e Silva (2012), sobre o trabalho árduo que elas terão para a construção positiva de sua identidade corpórea, pois isso “exige penosos processos de desconstrução de representações inferiorizantes e preconceituosas de seus corpos que a cultura social, midiática e até literária ainda reproduz” (Arroyo e Silva, 2012). Acompanho estes autores quando argumentam que essa construção positiva não depende só das crianças, por mais que estas se afirmem como sujeitos ativos: “Depende da relação imbricada criança e família, criança adulto no que se refere às lutas e às conquistas de seus direitos individuais e coletivos” (Arroyo e Silva, 2012).

hooks (2005) convida a refletir sobre as práticas de embelezamento vivenciadas nos salões para além de meras escolhas pessoais, de um ponto de vista social e político. Debater as assimetrias e desigualdades geradas por noções restritas de beleza é um problema – que não é individual de uma ou outra criança, mas um problema político, social, que precisa ser enfrentado coletivamente.

Politização do embelezamento e participação das crianças (considerações finais)

Hoje, propaga-se que o corpo deve ser exposto, experimentado, vivido. Somos, diariamente, estimulados a administrar a própria aparência, a redesenhar nossas formas físicas. Os salões de beleza são espaços que movimentam esse convite. Em suas cadeiras, os corpos de crianças e adultos são percebidos e classificados em função de certos critérios estéticos, em que a beleza é representada como um dever (Novaes; Vilhena, 2003), que se dá de forma particular, considerando fatores como classe, raça, gênero, idade. Estes critérios por vezes, instauram nas pessoas, de diferentes idades, sentimentos de insuficiência, culpabilidade e vergonha, destacando mecanismos de reprodução de desigualdades.

Coadunado com Sant'Anna (2000) quando afirma que a beleza corporal é uma relação; não existe em si mesma. Ela ganha sentido socialmente. O corpo existe numa trama de relações. Politizar o embelezamento é uma maneira de compreender as razões sociais dos nossos gestos e necessidades de cuidar da aparência. Na esteira dos estudos da infância, reflito que essa politização não pode prescindir da colaboração efetiva das crianças. Elas têm muito a dizer sobre suas vivências relacionadas ao processo de embelezamento que perpassa cotidianamente suas vidas. Suas participações são promissoras. Ao pedir que Carolina, sete anos, estudante de escola pública, descrevesse uma pessoa bonita, ela afirmou enfática: *Ser bonita é tá viva! Todo mundo que tá vivo é bonito*, tais palavras trazem um entendimento democrático sobre a beleza, na contramão de rígidos padrões corporais.

Referências

- ABIPHEC. Consumo de produtos de higiene pessoal e cosméticos infantis cresce 45,6% em 5 anos <abihpec.org.br/2017/04/consumo-de-produtos-de-higiene-pessoal-e-cosmeticos-infantis-cresce-456-em-5-anos/> (jul. 2017).
- ABIPHEC. Setor de higiene e beleza cresce 11% em 2014 <abihpec.org.br/2015/04/setor-de-higiene-e-beleza-cresce-11-em-2014/>, (jun. 2017).
- ALDERSON, Priscilla. As crianças como pesquisadoras. *Educação e Sociedade*. Campinas, v. 26, n. 91, p. 419-42, 2005.
- ARANGO, Luz. Cuidado, emoções e condições de trabalho nos serviços estéticos do Brasil. In: Alice Rangel de Paiva Abreu; Helena Hirata; Maria Rosa Lombardi (orgs.). *Gênero e trabalho no Brasil e na França*. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 223-232.
- ARROYO, Miguel; SILVA, Maurício Roberto da (orgs.). *Corpo-infância: exercícios tenso de ser criança*. Por outras pedagogias dos corpos. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BOUZÓN, Patrícia. *Construindo identidades: um estudo etnográfico sobre manipulação da aparência em salões de beleza*. Rio de Janeiro, 2010. Tese de doutorado em Antropologia Social, Museu Nacional.

- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: Guacira Lopes Louro, (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 151-172.
- BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del "sexo"*. Buenos Aires: Paidós, 2002.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu*, n. 26, p. 329-76, 2006.
- COHN, Clarice. *Antropologia da criança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- EDMONDS, Alexander. No universo da beleza: notas de campo sobre cirurgia plástica. In: Mirian Goldenberg. *Nu e vestido*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Bahia: Editora Edufba, 2008.
- FERNANDES, Ana Elisa. *Avaliação da imagem corporal, hábitos de vida e alimentares em crianças e adolescentes de escolas públicas*. Belo Horizonte, 2007. Dissertação de mestrado em Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais.
- FINCO, Daniela; OLIVEIRA, Fabiana de. A sociologia da pequena infância e a diversidade de gênero e de raça nas instituições de educação infantil. In: Ana Lúcia Goulart de Faria; Daniela Finco (orgs.). *Sociologia da infância no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2011. p. 55-80.
- GOMES, Nilma. *Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte*. São Paulo, 2002. Tese de doutorado em Antropologia, Universidade de São Paulo.
- hooks, bell. Alisando o nosso cabelo. *Revista Gazeta de Cuba – Unión de escritores y Artista de Cuba*, 2005 <<http://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo>> (21 maio 2005).
- KRAMER, Sonia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. *Cadernos de Pesquisa*, n. 116, p. 41-59, 2002.
- LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- MALYSSE, Stéphane. *Extensões do feminino: megahair*, baianidade e preconceito capilar. s. d. <studium.iar.unicamp.br/11/4.html> (15 set. 2015).
- NARANJO, Javier. *Casa das Estrelas, o universo contato pela criança*. São Paulo: Foz, 2013.
- NOVAES, Joana; VILHENA, Junia. De cinderela a moura torta: sobre a relação mulheres, beleza e feiura. *Interações*, v. 8, n. 15, p. 9-36, 2003.
- PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: Manuel Sarmiento. *As crianças, contextos e identidades*. Braga: Universidade do Minho. Centro de Estudos da Criança. Ed. Bezerra, 1997.
- PIRES, Flávia. Ser adulta e pesquisar crianças. *Revista de Antropologia*, v. 50, n. 1, p. 225-270, 2007 <[10.1590/S0034-77012007000100006](http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77012007000100006)>.

PIRES, Flávia; SARAIVA, Marina. Apresentação. Dossiê Ser criança no Brasil hoje: (re)invenções da infância em contexto de mudança social. *Latitude*, v. 10, n. 2, p. 165-169, 2016.

SARMENTO, Manuel. Imaginário e culturas da infância. *Cadernos de Educação*, v. 12, n. 21, p. 51-69, 2003.

SARMENTO, Manuel. Visibilidade social e estudo da infância. In: Vera Maria Ramos VAsconcelos; Manuel Sarmento. *Infância (in)visível*. Araraquara: Junqueira Martins, 2007. p. 25-49.

SANT'ANNA, Denise. As infinitas descobertas do corpo. *Cadernos Pagu*, v. 14, p. 235-249, 2000.

SOUSA, Emilene. *Corpo, pessoa e identidade Capuxu através da infância*. Florianópolis: Editora UFSC, 2017.

SOUZA, Érica. Marcadores sociais da diferença e infância: relações de poder no contexto escolar. *Cadernos Pagu*, v. 26, p. 169-199, 2006.

VIGARELLO, Georges. *História da beleza*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

TOREN, Christina. A matéria da imaginação: o que podemos aprender com as ideias das crianças fijiianas sobre suas vidas como adultos. *Horizontes Antropológicos*, v. 16, n. 34, p. 19-48, 2010 <[10.1590/S0104-71832010000200002](https://doi.org/10.1590/S0104-71832010000200002)>.

Recebido em: 21 ago. 2017

Aprovado em: 28 fev. 2018

Autora correspondente:

Vanessa Paula da Ponte

UnB, Colina, Bloco I, apto 506 – Asa Norte

70904-109 Brasília, DF, Brasil